

*"Extraordinário, desconfortável e irresistível – difícil parar de ler."*

THE GUARDIAN

**E**X**i**S**t**o,

*dezessete tropeços*

**E**X**i**S**t**o,

*na morte*

**E**X**i**S**t**o.

*maggie o'farrell*



# Índice

Pescoço (1990)  
Pulmões (1988)  
Coluna, pernas, pélvis, abdômen, cabeça (1977)  
O corpo todo (1993)  
Pescoço (2002)  
Abdômen (2003)  
Bebê e corrente sanguínea (2005)  
Pulmões (2000)  
Sistema circulatório (1991)  
Cabeça (1975)  
Crânio (1998)  
Intestinos (1994)  
Corrente sanguínea (1997)  
Causa desconhecida (2003)  
Pulmões (2010)  
Cerebelo (1980)  
Filha (tempo presente)  
Sobre a autora  
Créditos

“

**I took a deep  
breath and  
listened to the  
old brag of my  
heart. I am, I  
am, I am.**

[“RESPIREI FUNDO E ESCUTEI A VELHA  
FANFARRONICE DO MEU CORAÇÃO.  
EXISTO, EXISTO, EXISTO.”]

*Sylvia Plath*

”

# Pescoço (1990)

**Na trilha à minha frente**, saindo de trás de uma pedra, um homem aparece.

Estamos ele e eu no canto distante de um pequeno e escuro lago que fica escondido no topo abobadado desta montanha. O céu é de um azul leitoso sobre nós; não cresce vegetação tão aqui no alto, de modo que somos apenas ele e eu, as pedras e a água parada e escura. Ele caminha com passos largos pela trilha estreita, botas nos pés, e sorri.

Me dou conta de várias coisas. De que passei por ele mais cedo, mais abaixo no vale. Nos cumprimentamos, à maneira amável mas breve das pessoas que caminham por uma trilha campestre. De que, neste caminho remoto, não há ninguém perto o bastante para me ouvir chamar. De que ele esteve esperando por mim, de que planejou tudo isto, cuidadosamente, meticulosamente, e de que eu caí em sua armadilha.

Vejo tudo isso num instante.

Este dia — um dia em que quase morro — começou cedo para mim, logo depois da aurora, meu despertador saltou numa dança ruidosa junto à minha cama. Tive que vestir o uniforme, deixar o trailer e descer na ponta dos pés alguns degraus de ardósia até uma cozinha deserta, onde liguei os fornos, as cafeteiras, as torradeiras, onde fatiei cinco pães grandes, enchi as chaleiras, dobrei quarenta guardanapos de papel e os transformei em orquídeas de pétalas abertas.

Acabo de completar dezoito anos e consegui executar uma fuga. De tudo: casa, escola, pais, provas, espera dos resultados.



Encontrei um trabalho, muito longe de todo mundo que conheço, no que fora anunciado como “uma hospedaria holística e alternativa” ao pé de uma montanha.

Sirvo o café da manhã, recolho o café da manhã, limpo mesas, recordo aos hóspedes que devem deixar suas chaves, entro nos quartos, faço as camas, troco os lençóis, arrumo tudo. Recolho roupas e toalhas e livros e sapatos e remédios e óleos essenciais e tapetes de meditação do chão. Aprendo, com as narrativas inerentes às posses deixadas espalhadas pelos quartos, que as pessoas nem sempre são o que parecem. O homem bastante sentencioso e exigente que insiste em se sentar a uma mesa específica, usar certa louça e beber leite inteiramente desnatado tem um pendor por meias de caxemira, macias como nuvens, e roupa de baixo de seda em padrões exuberantes. A mulher que se senta para jantar com sua blusa cuidadosamente abotoada, olhos baixos e permanente já perdendo o corte tem um avatar noturno a quem interessam roupas sadomasoquistas de tendência equestre: rédeas humanas, pequenas selas de couro, um chicote de prata delgado mas perverso. O casal de Londres, que parece maravilhosa e invejavelmente perfeito — dão-se as mãos bem cuidadas durante o jantar, fazem caminhadas risonhas ao crepúsculo, mostram-me fotos de seu casamento — tem um quarto impregnado de tristeza, de esperança, de pesar. Kits de ovulação se acumulam nas prateleiras do banheiro. Drogas que aumentam a fertilidade estão empilhadas em suas mesas de cabeceira. Essas eu não toco, como se quisesse transmitir a mensagem, não vi isso, não estou a par, não sei de nada.

Durante toda a manhã apuro e organizo e trago conforto à vida dos outros. Limpo traços humanos, apagando todas as provas de que eles comeram, dormiram, fizeram amor, discutiram, lavaram-se, usaram roupas, leram e descartaram jornais, deixaram cair cabelo e pele e pelos e unhas dos pés. Tiro o pó, andando pelos corredores, arrastando o aspirador atrás de mim numa coleira comprida. Depois, por volta do almoço, com sorte tenho quatro horas antes do trabalho noturno para fazer o

que quiser.

Então caminhei até o lago, como faço com frequência nas minhas horas de folga, e hoje, por algum motivo, decidi tomar a trilha que vai até o outro lado. Por quê? Não me lembro. Talvez tenha terminado minhas tarefas mais cedo naquele dia; talvez os hóspedes houvessem feito menos bagunça do que o habitual e eu tivesse saído do hotel antes da hora. Talvez o tempo claro e ensolarado tivesse me atraído para mais longe do que o meu caminho habitual.

Eu também não tinha motivos, àquela altura da vida, para desconfiar do campo. Tinha tido aulas de autodefesa, ministradas no centro comunitário na pequena cidade da orla escocesa onde passei a adolescência. O professor, um homem com formato de barril usando roupa de judô, criava cenários com um prazer gótico e alarmante. *Tarde da noite e você está saindo de um bar, ele dizia, olhando para cada uma de nós por trás de sobrancelhas excessivamente espessas, e um sujeito imenso salta de um beco e a agarra por trás. Ou: você está num corredor estreito num clube noturno e um idiota bêbado prende seus braços junto ao corpo e a empurra contra a parede. Ou: está escuro, nebuloso, você está esperando o sinal abrir e alguém agarra a alça da sua bolsa, luta com você e a derruba no chão.* Essas narrativas de perigos sempre terminavam com a mesma pergunta, feita com uma retórica levemente exultante: *E então, o que você faz?*

Praticamos desferir um golpe com o cotovelo na garganta de nossos atacantes imaginários, revirando os olhos ao fazê-lo porque éramos, afinal de contas, meninas adolescentes. Nos alternávamos para praticar o grito mais forte que éramos capazes de dar. Repetimos, obedientemente e sem a menor empolgação, os pontos fracos do corpo masculino: olho, nariz, garganta, virilha, joelho. Acreditávamos ter tudo sob controle, que conseguiríamos lidar com o estranho à espreita, com o atacante bêbado, com o ladrão que agarrava nossa bolsa; tínhamos certeza de que conseguiríamos nos soltar deles, dar uma joelhada, arranhar seus olhos com nossas unhas; achávamos que



poderíamos encontrar uma brecha naquelas sinopses alarmantes mas extremamente excitantes. Aprendemos a fazer barulho, a chamar a atenção, a gritar POLÍCIA. Acho que também assimilamos uma mensagem clara. *Beco, clube noturno, bar, ponto de ônibus, sinal de trânsito*: o perigo era urbano. No campo, ou em cidades rurais como as nossas — onde não havia clubes noturnos, becos e nem mesmo sinais de trânsito — coisas assim não aconteceriam, teríamos liberdade de fazer o que quiséssemos.

No entanto, aqui está este homem, no alto de uma montanha, bloqueando a minha passagem, esperando por mim.

Parece importante não demonstrar medo, jogar o jogo dele. Então continuo caminhando, continuo colocando um pé diante do outro. Se me virar e correr na outra direção, ele poderia me alcançar em segundos, e correr seria algo tão explícito e tão determinante. Revelaria a ambos o que a situação é; traria as coisas a um momento decisivo. A única opção parece ser continuar, fingir que isto é perfeitamente normal.

— Olá de novo — ele me diz, e seu olhar desliza pelo meu rosto, pelo meu corpo, por minhas pernas nuas e enlameadas. É um olhar mais avaliador do que lascivo, mais calculista do que libidinoso: é o olhar de um homem que arquiteta alguma coisa, planeja a logística de uma ação.

Não consigo fitá-lo nos olhos, não consigo encará-lo, não exatamente, mas tenho consciência de olhos bem juntos, uma altura considerável, dentes incisivos cor de mármore, punhos agarrando as alças de sua mochila.

Tenho que pigarrear para dizer *oi*. Acho que o cumprimento com a cabeça. Viro-me de lado para passar por ele: uma mistura penetrante de suor recente, do couro de sua mochila, de algum tipo de óleo de barbear abarrotado de química que me parece vagamente familiar.

Passei por ele, estou me afastando, o caminho está desimpedido diante de mim. Noto que ele escolheu como local da emboscada o ponto mais alto da trilha: eu subi muito, e este é

o ponto em que vou começar a descer a montanha, até minha hospedaria, meu turno noturno, o trabalho, a vida. É só ladeira abaixo daqui por diante.

Tomo o cuidado de dar passadas confiantes, determinadas, mas não assustadas. Não estou assustada: digo isso a mim mesma, por cima do rugido oceânico do meu pulso. Talvez, penso, esteja livre, talvez tenha interpretado mal a situação. Talvez seja perfeitamente normal ficar esperando por garotas em trilhas remotas e em seguida deixá-las ir embora.

Tenho dezoito anos. Recém-completados. Não sei quase nada.

Sei, porém, que ele está bem atrás de mim. Posso ouvir o barulho de suas botas no chão, o movimento do tecido de suas calças — algum tecido respirável para todo tipo de clima.

E aqui está ele outra vez, caminhando a meu lado. Anda bem perto, com intimidade, o braço no meu ombro, do modo como um amigo poderia fazer, do modo como eu caminhava para casa com colegas de turma.

— Que belo dia — ele diz, fitando-me no rosto.

Mantenho a cabeça baixa.

— Sim — eu digo —, é mesmo.

— Muito quente. Talvez eu vá nadar um pouco.

Há algo de bem peculiar em sua dicção, dou-me conta, enquanto caminhamos juntos pela trilha com passos rápidos e sincronizados. Suas palavras fazem uma pausa no meio das sílabas, seus erres não são muito marcados, seus tês são pronunciados demais, seu tom monótono, quase inexpressivo. Talvez ele seja ligeiramente *perturbado*, como se diz, igual ao homem que morava um pouco adiante na nossa rua. Ele não jogava nada fora desde a guerra, seu jardim estava coberto de hera, como o castelo da Bela Adormecida. Costumávamos tentar adivinhar quais eram alguns dos objetos envoltos por folhas: um carro, uma cerca, uma motocicleta? Ele usava gorros de tricô e regatas estampadas e ternos pequenos demais, que outrora haviam sido elegantes mas agora estavam cobertos de pelos de



gato. Se chovesse, ele punha um saco de lixo sobre os ombros. Às vezes vinha até a nossa porta trazendo um saco fechado com zíper cheio de gatinhos para brincarmos; noutras ocasiões aparecia bêbado, lívido, com olhos arrebatados, vociferando sobre cartões-postais perdidos, e minha mãe tinha que tomá-lo pelo braço e levá-lo para casa. *Fiquem aqui*, ela nos dizia, *volto num instante*, e saía pela calçada com ele, ainda de chinelo.

Talvez, reflito, numa onda de alívio, seja esta a explicação. Este homem poderia ser como nosso antigo vizinho, morto já faz muito tempo, a casa limpa e desinfetada, a hera cortada e queimada. Talvez eu devesse ser gentil, como minha mãe era, talvez devesse ser compassiva.

Viro-me para ele então, enquanto caminhamos juntos, com passos rápidos, margeando o lago. Chego a sorrir.

— Nadar um pouco — digo —, essa parece uma boa ideia.

Ele responde passando a alça dos binóculos ao redor do meu pescoço.

Um ou dois dias depois, entro na delegacia da cidade vizinha. Espero na fila com gente dando queixa de carteiras perdidas, cachorros desaparecidos, carros arranhados.

O policial à mesa escuta, a cabeça inclinada para o lado. *Ele machucou você?*, é sua primeira pergunta. *Esse homem: chegou a tocá-la, bater em você, fazer alguma proposta? Fez ou disse alguma coisa imprópria?*

— Não — eu digo —, não exatamente, mas...

— Mas o quê?

— Ele teria feito — digo. — Ia fazer.

O homem olha para mim de cima a baixo. Estou usando shorts jeans cortados e cheios de remendos, braceletes, várias argolas de prata atravessando a cartilagem das minhas orelhas, tênis surrados, uma camiseta com a imagem de um dodô e as palavras *você por acaso viu este pássaro?* Tenho uma juba — não há nenhuma outra maneira de descrevê-la — de cabelo bagunçado no qual uma hóspede, uma holandesa de rosto seráfico que

viajara à hospedaria com sua harpa e seu kit de feltragem, decorou com contas e penas. Pareço ser o que sou: uma adolescente que está vivendo sozinha num trailer, numa floresta, no meio de lugar nenhum.

— Então — diz o policial, apoiando o peso do corpo sobre seus papéis —, você saiu para dar uma caminhada, encontrou um homem, caminhou com ele, achou-o um pouco peculiar, mas voltou para casa sã e salva. É isso que está me dizendo?

— Ele passou a alça dos binóculos em torno do meu pescoço — eu digo.

— E o que mais?

— Ele... — paro de falar.

Detesto este homem e suas sobrancelhas espessas, sua barriga de cerveja, seus dedos atarracados e impacientes. Detesto-o talvez mais do que o homem junto ao lago.

— Ele me mostrou uns patos no lago.

O policial nem tenta ocultar um sorriso.

— Certo — ele diz, e fecha o livro bruscamente. — Parece aterrador.

Como poderia ter explicado àquele policial que eu conseguia sentir o impulso violento irradiando do homem, como o calor de uma pedra? Repassei mentalmente inúmeras vezes aquele momento diante da mesa na delegacia, perguntando-me, havia alguma coisa que eu poderia ter feito diferente, alguma coisa que poderia ter dito e que alteraria o que aconteceu em seguida?

Poderia ter dito: quero ver seu supervisor, quero ver a pessoa que chefia isto aqui. Faria isso agora, aos quarenta e três anos de idade, mas naquele momento? Não me ocorreu que fosse possível.

Poderia ter dito: preste atenção, aquele homem não me machucou, mas vai machucar outra pessoa. Por favor, encontre-o antes que ele faça isso.

Poderia ter dito que tenho um instinto para o momento em que a violência se instala. Que por muito tempo eu parecia incitá-



la nos outros, por motivos que nunca cheguei a compreender. Se, como criança, você apanha, nunca esquece a sensação de sua própria impotência e vulnerabilidade física, de como uma situação pode passar de benigna a brutal num piscar de olhos, no intervalo de uma respiração. Aprende bem depressa a reconhecer a aproximação daqueles atos súbitos contra você: aquele tom ou vibração particular da atmosfera. Desenvolve antenas para a violência, e, por sua vez, inventa um repertório de formas de desviá-la.

A escola que eu frequentava parecia impregnada de violência. A ameaça ocupava feito fumaça os corredores, os saguões, as salas de aula, o espaço entre as carteiras. Cabeças levavam pancadas, orelhas eram puxadas e apagadores arremessados com dolorosa pontaria; um professor tinha o hábito de pegar as crianças de que não gostava pela cintura da calça e atirá-las de encontro à parede. Ainda me lembro do ruído do crânio de uma criança batendo no azulejo vitoriano.

Nos piores casos, os meninos eram mandados para a diretora, onde apanhavam com vara. As meninas apanhavam com sapatos esportivos. Eu costumava olhar para os meus sapatos — aqueles calçados pretos de lona com uma ferradura de elástico na parte da frente, que tínhamos que usar quando subíamos nos cavalos de ginástica — e em particular para suas solas cinzentas e onduladas e imaginar o impacto: borracha sobre pele nua.

A diretora era objeto de intenso temor. Seu pescoço com os tendões aparentes e suas mãos feito garras de pássaro. Os lenços espetados no suéter com um broche prateado. Sua sala com paredes escuras e tapete cor de vinho. Se eu fosse chamada para ir até lá demonstrar meu conhecimento de livros cifrados, abaixava os olhos para o tapete e imaginava como seria ter de ficar ali parada, a saia levantada, aguardando meu destino, preparando-me para a pancada.

Tudo isso contaminava a nós, os alunos, é claro. Queimaduras chinesas eram particularmente populares, quando a pele do seu antebraço podia ser torcida feito pano molhado até se



transformar em vívidas elipses. Puxar cabelos, pisar nos dedos dos pés, dar chaves de braço, torcer dedos: havia um repertório amplo e sempre crescente à disposição dos valentões. Eu tinha o infortúnio de não falar com sotaque local, de saber ler antes de chegar ali, de ter uma aparência que, conforme me disseram, era anormal, ofensiva, inaceitável de algum modo, de usar saias cuja bainha tinha sido encurtada e aumentada vezes demais, de ser enfermiça e perder muitas aulas, de gaguejar sempre que me mandavam falar, de ter sapatos que não eram de verniz, e assim por diante. Me lembro de um garoto da minha turma me encurralando atrás do abrigo de tijolos e me puxando, sem dizer uma palavra, pelas alças do meu vestido até que elas me cortassem as axilas. Ele e eu nunca mais falamos sobre esse incidente. Me lembro de uma menina mais velha com uma franja escura e brilhante se materializando em meio à turma na hora do recreio e esfregando meu rosto no tronco de uma árvore. No meu primeiro trimestre na escola secundária, no meio de uma aula de química, levei um soco no rosto dado por um skinhead de doze anos de idade. O professor, de quem até então eu gostava, agiu como se nada de extraordinário tivesse acontecido, limitando-se a dizer ao garoto para que voltasse a se sentar e, depois de alguns minutos, entregando-me um punhado de lenços de papel para que eu limpasse meu rosto, minha carteira, meu caderno. Se passar a ponta da língua no lábio superior, ainda consigo sentir a cicatriz.

Então, quando o homem passou a alça do binóculo em torno do meu pescoço, embora estivesse dizendo alguma coisa sobre me mostrar um bando de gansos êider, eu soube o que viria a seguir. Podia sentir o cheiro; podia quase ver o fato ali, ficando mais espesso e brilhante no ar entre nós. Esse homem era só mais um numa longa dinastia de valentões que tinham objeções ao meu sotaque ou aos meus sapatos ou sabe-se lá o quê — fazia muito tempo que eu já não me importava — e ia me machucar. Suas intenções eram me fazer mal, me atacar para valer, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Então, decidi entrar no jogo da observação de pássaros. Sabia que era minha única esperança. Você não pode confrontar um valentão, não pode denunciá-lo, não pode deixar que ele saiba que você sabe, que pode vê-lo tal como ele é.

Olhei pelos binóculos pela duração de uma batida do coração. Ah, eu disse, gansos êider, céus, e me abaixei e me afastei, saindo do círculo daquela alça. Ele veio atrás de mim, claro, com aquela tripa preta de couro, pretendendo laçar-me outra vez, mas agora eu estava virada de frente para ele, sorria para ele, tagarelava sobre gansos êider e sobre como eram interessantes, por acaso eram usados para fazer edredons, era daí que tinha vindo o nome, *eider downs*, por acaso eram enchidos com penas de gansos êider? Eram? Que fascinante. Conte mais, conte tudo o que você sabe sobre gansos, sobre pássaros, sobre observação de pássaros, nossa, você sabe tanta coisa, deve observar pássaros um bocado. Observa? Conte mais, fale do pássaro mais incomum que já viu, fale enquanto caminhamos porque que horas são, agora eu tenho mesmo que ir, tenho que descer a montanha, porque já vai começar o meu turno, sim, eu moro logo ali, está vendo aquelas chaminés? É onde eu trabalho. Bem perto, não é? Vai ter gente esperando por mim, às vezes quando me atraso eles vêm procurar por mim, sim, meu patrão, ele deve estar me esperando. Ele vem até aqui o tempo todo também, todos os funcionários fazem isso, ele sabe que eu estou aqui, com certeza sabe, eu mesma disse, a qualquer momento é capaz de vir me procurar, deve estar bem ali depois daquela curva. Claro, podemos caminhar e enquanto fazemos isso por que você não me fala um pouco mais sobre observação de pássaros, sim, por favor, quero muito ouvir, mas realmente preciso me apressar porque estão me esperando.

Duas semanas mais tarde, um carro da polícia se aproxima pela trilha sinuosa até a hospedaria, e duas pessoas descem. Posso vê-los de uma janela do andar de cima, onde estou lutando com travesseiros para metê-los em suas fronhas. Sei de imediato o que eles estão fazendo aqui, por que vieram, de modo que antes



mesmo de ouvir meu patrão chamar meu nome já estou descendo a escada para encontrá-los.

Estes dois não se parecem em nada com o policial na delegacia. Estão de terno, sua atitude séria e focada. Apresentam distintivos e documentos ao meu chefe, Vincent, com rostos imóveis e uma neutralidade treinada e habilidosa.

Querem falar comigo em particular, então Vincent lhes indica um quarto desocupado. Ele entra conosco porque é um bom homem e eu sou apenas poucos anos mais velha do que seus próprios filhos, cujos gritos podem ser ouvidos no gramado dos fundos.

Me sento numa cama que fiz naquela manhã e o policial senta-se diante de uma mesa ornamental de vime na qual alguns hóspedes gostam de tomar o chá pela manhã; a policial senta-se ao meu lado na cama.

Vincent fica pairando no fundo, murmurando desconfiado, fingindo ajustar um pingente de cristal na janela, limpando poeira inexistente de cima da lareira, mexendo nos atizadores junto à grade. Ele é um ex-hippie, sobrevivente de Haight-Ashbury, e não tem muita estima por policiais, que chama de porcos.

A polícia o ignora, de maneira cordial mas preocupada. Estão interessados, a mulher me diz, num homem que encontrei recentemente numa caminhada. Será que eu poderia lhes dizer exatamente o que aconteceu?

Faço isso então. Começo do princípio, descrevendo como passei por ele no começo da trilha, como ele seguira na direção oposta e ainda assim de algum modo aparecera na minha frente. Não sei como ele fez isso, digo, porque não há um atalho, pelo menos não que eu conheça. Eles ficam fazendo que sim com a cabeça, escutando com uma intensidade calculada, encorajando-me a prosseguir. Seus olhos não desgrudam do meu rosto: tenho sua atenção absoluta. Quando chego à parte da alça dos binóculos, eles param de mover as cabeças. Olham para mim fixamente, ambos, os olhos sem piscar. É um momento estranho, carregado. Acho que nenhum de nós respira.



— Uma alça de binóculos? — o homem pergunta.

— Sim — eu digo.

— E ele passou em torno do seu pescoço?

Faço que sim. Os dois desviam o olhar, olham para baixo; a mulher anota alguma coisa em seu caderno.

Será que eu concordaria, ela pergunta, ao me entregar uma pasta, em dar uma olhada em algumas fotografias e dizer se sou capaz de reconhecê-lo nelas?

Neste momento, meu chefe interrompe. Não pode evitar.

— Você não precisa dizer nada, sabe; não precisa. Ela não precisa dizer nada.

A policial levanta a mão para silenciá-lo no mesmo momento em que eu ponho o dedo indicador numa fotografia.

— É ele — eu digo.

Os detetives olham. A mulher anota alguma coisa outra vez em seu caderno. O homem me agradece; pega de volta a pasta.

— Ele matou alguém — digo a eles —, não matou?

Eles trocam um olhar ilegível, mas não dizem nada.

— Ele estrangulou alguém. Com a alça dos binóculos — olho de um para o outro e nós sabemos, todos nós sabemos. — Não foi?

Do outro lado do quarto, Vincent xinga baixinho. Então se aproxima de mim e me entrega seu lenço.

A garota que o homem matou tinha vinte e dois anos. Era da Nova Zelândia e estava mochilando pela Europa com o namorado. Ele não se sentira bem naquele dia, então ficou no hostel enquanto ela saía para uma caminhada, sozinha. O observador de pássaros a estuprou, estrangulou e depois a enterrou num buraco raso. Ela foi encontrada três dias depois, não longe da trilha por onde eu estivera andando.

Só sei de tudo isso porque li a respeito no jornal local na semana seguinte: a polícia não quis me dizer. Comprei um jornal numa de minhas tardes de folga e lá estava o rosto dela, olhando para mim, na primeira página. Tinha cabelos claros, presos com

elástico, um rosto sardento, um sorriso largo e inocente.

Não seria exagero dizer que penso nela, se não todos os dias, na maioria deles. Tenho consciência de que sua vida foi interrompida, encurtada, reduzida, enquanto a minha, pelo motivo que for, teve permissão de continuar.

Não sei por que ele me poupou, mas não a ela. Será que ela entrou em pânico, será que tentou correr, que gritou, que cometeu o erro de denunciar a ele o monstro que era?

Durante muito tempo, sonhei com o homem. Ele aparecia com disfarces variados, mas sempre com sua mochila e seus binóculos. Às vezes, nas trevas e na confusão do sonho, só o reconhecia através desses acessórios, e pensava, ah, é você de novo, é, você voltou?

É uma história difícil de colocar em palavras, esta. Nunca a conto, na verdade, ou nunca tinha contado antes. Agora que penso a respeito, só contei para uma única pessoa, e essa pessoa foi o homem com quem eu viria a me casar, e a história só surgiu anos depois que nos conhecemos. Contei a ele certa noite no Chile, enquanto estávamos sentados juntos no refeitório de um hostel para viajantes. A expressão em seu rosto foi de choque tão profundo e visceral que eu soube que provavelmente nunca voltaria a contar a história, verbalmente, na vida.

O que aconteceu com aquela garota e o que por tão pouco quase aconteceu comigo não é algo que se possa articular levemente, transformado em anedota, convertido em história familiar para ser contada repetidas vezes à mesa do jantar ou ao telefone, passado de narrador a narrador. É, ao contrário, uma história de horror, de maldade, de nossas piores fantasias. É uma história para ser guardada no fundo de algum lugar sem palavras, escuro e não visitado. A morte roçou em mim naquela trilha, tão próxima que pude sentir seu toque, mas ela agarrou aquela outra garota e a jogou debaixo da terra.

Ainda não consigo tolerar que toquem no meu pescoço: nem meu marido, nem meus filhos, nem o médico gentil que certa vez quis examinar minhas amídalas. Recuo num espasmo antes

mesmo de me dar conta do motivo. Não consigo usar nada ao redor do pescoço. Lenços, camisas polos, gargantilhas, qualquer camiseta ou blusa que faça pressão nessa área: nada disso jamais será para mim.

Minha filha recentemente apontou para o alto de uma montanha, vista da janela do carro a caminho da escola.

— Podemos subir até ali?

— Claro — eu disse, olhando para o topo de um marrom esverdeado.

— Só você e eu?

Fiz silêncio por um momento.

— Podemos ir todos — eu disse. — A família toda.

Alerta como sempre ao estado de espírito dos outros, ela imediatamente percebeu que eu estava evitando mencionar alguma coisa.

— Por que não só você e eu?

— Porque... todo mundo vai querer vir também.

— Mas por que não só você e eu?

Porque, eu pensava, porque não consigo começar a dizer. Porque não consigo articular que perigos estão à espreita nas curvas, aguardando por você, em caminhos sinuosos, atrás de pedras, no emaranhado das florestas. Porque você tem seis anos de idade. Porque há gente por aí que quer machucá-la e você nunca saberá o motivo. Porque ainda não encontrei uma maneira de explicar estas coisas para você. Mas vou encontrar.



# Pulmões (1988)

**É tarde, quase meia-noite,** e um grupo de adolescentes está lá na extremidade do cais. A cidade fica do outro lado da baía, um colar de luzes esticado ao longo da areia. O ancoradouro é o local onde eles se reúnem: é sempre possível encontrar os seus aqui, sem combinação prévia. Algo de sua natureza limítrofe, seu espaço entre a terra e o mar, parece atraí-los, sobretudo à noite.

Ficam fora até tarde. Estão entediados, daquela maneira paralisante que é peculiar a esse estágio da vida. Têm quinze ou dezesseis anos. Acabaram a primeira série de provas e estão esperando os resultados, esperando que o verão acabe e que o novo ano letivo comece, esperando que seus futuros tomem forma, esperando que seus turnos terminem, esperando que os turistas vão embora, esperando, esperando, alguns deles estão esperando que um corte de cabelo ruim cresça, que seus pais permitam que dirijam ou que lhes deem mais dinheiro ou uma bordoadada em sua infelicidade, que o garoto ou a garota de quem gostam repare neles, que a fita cassete que encomendaram na loja chegue, que seus sapatos fiquem gastos e possam comprar um par novo, que o ônibus chegue, que o telefone toque. Estão todos esperando, porque é o que adolescentes que crescem numa pequena cidade costeira fazem. Esperam. Que algo termine, que algo comece.

Dois deles já estiveram juntos, romperam, voltaram a ficar juntos. Alguns já fizeram sexo, outros não. Um deles fuma, mas a maioria não. Na escola, não são eles os que usam drogas ou bebem demais e dormem com todo mundo.

Todos eles têm empregos de verão, de vários tipos, servindo os turistas que entopem a cidade nesses meses como areia no

sapato. Dois dos garotos trabalham catando lixo no campo de golfe; uma garota serve sorvete na van diante da praia.

Um desses adolescentes sou eu. Trabalho à noite como garçõete numa hospedaria para praticantes de golfe. Sentada ali, na fresca pedra vulcânica, os pés balançando, posso sentir o cheiro do hotel no meu cabelo — cigarros, comida requentada, óleo para fritar batatas, a cerveja que foi derramada no punho da minha camisa. Cheiro de comida e de bares e das férias de outras pessoas.

Quando uma das garotas sugere pular do muro do ancoradouro dentro da água lá embaixo, isso não me incomoda particularmente. Houve momentos, com outras pessoas, em que foi possível sentir a dinâmica do grupo se alterando e se inclinando num ângulo perigoso. Se alguém vier com algum desafio ou criticar outra pessoa ou sugerir algo arriscado ou ilegal ou ambos, a noite pode se desviar do seu curso. A garota que exigiu que saltássemos dentro de um trem de carga em baixa velocidade. O garoto que subiu no topo de um carrossel fora de uso, até escorregar e passar o resto do trimestre engessado. A garota que jogou palitos de fósforo acesos em todas as latas de lixo municipais ao longo da costa. O par que tirou os pneus e removeu os limpadores de para-brisa do carro do diretor.

Conto essas coisas aos meus filhos, hoje, e eles me fitam com olhos arregalados. Você fez isso?, eles perguntam. Eu não, digo, mas alguém que estava comigo. Haverá momentos, digo a eles, quando vocês forem adolescentes e estiverem fora de casa e alguém sugerir alguma coisa que sabem ser má ideia, em que terão que fazer uma escolha entre participar ou ir embora. Agir de acordo com o grupo ou contra ele. Fazer-se ouvir, dizer o que pensam, dizer não, não acho que deveríamos fazer isso. Não, não quero isso. Não, eu vou para casa.

Nunca achei difícil abandonar um grupo, ir contra o macho ou a fêmea alfa. Nunca liguei muito para gangues, para tribos sociais, para me ajustar. Sempre soube, desde muito nova, que a tribo mais popular não é minha tribo; eles não são a minha gente.



Então, não é isso que me impulsiona a me levantar ali no muro do ancoradouro, ficar de pé diante da brisa que sopra do mar e dizer: *Eu topo.*

É mais um desejo de fazer alguma coisa — qualquer coisa — que me tire da mundanidade repetitiva da vida de alguém com dezesseis anos de idade. Diferenciar este dia de todos os outros na cadeia interminável de dias que estou tendo que atravessar. É um desejo de imergir na água, aquele outro elemento, aquela forma escura e movediça aos pés do muro do ancoradouro: posso adivinhar sua profundidade, sua massa, sua força fria à nossa espera, mesmo que não possa ver essas coisas. Esperar que tenha condições de remover a mancha do hotel, do salão de jantar, dos maridos que me olham de cima a baixo quando venho perguntar se querem sobremesa e dizem, diante de suas esposas e suas risadinhas coquetes, acho que vou querer você. É um trabalho do qual você sai suja, nauseada, fedendo a gordura da frigideira. É um trabalho no qual pode ser apalpada por vários membros de um grupo de jogadores de golfe enquanto serve vegetais numa travessa de prata, e precisa usar de todas as suas forças para não virar ao contrário o garfo que está segurando e enfiá-lo em seus punhos grossos. É um trabalho em que o chef pode facilmente largar a esponja e balançar o quadril para você, o pau desconcertantemente rosa e careca dentro de seu ninho de pelos pretos, e espera-se que você dê um gritinho e uma risada. Somente as garçonetes mais velhas — as que trabalham em tempo integral e vivem disso, e para quem isto não é só um emprego de verão — estão autorizadas a pegar um guardanapo e dar uma pancada no pau em questão e dizer, guarde isso e deixe a menina em paz. É um trabalho em que o ajudante de cozinha pode ficar com vontade de pegar um rabo de boi esfolado e, como descobriu que você é vegetariana, aproximar-se por trás enquanto você está curvada dentro do congelador do sorvete no depósito anexo sem luz e amarrar seus punhos com aquele pedaço de carne frio e gelatinoso.

São todas essas coisas e outras mais que fazem com que eu me



ponha de pé. Aos dezesseis anos, você pode ser tão inquieta, tão frustrada, tão enjoada com tudo o que a cerca que se dispõe a saltar do que é provavelmente uma altura de quinze metros, na escuridão, no momento de mudança da maré.

O mar está calmo esta noite. Rola com um movimento suave e oleoso lá embaixo. Tiro os sapatos. Não olho para baixo.

A queda é mais rápida do que seria de se imaginar. Tenho consciência do ar, que é como um vento soprando através de uma porta subitamente aberta, e então sou envolvida por um outro mundo, engolida pelo mar.

Meus ouvidos rugem, meus seios faciais entopem, minha boca e meus olhos ardem com o sal, minha camiseta flutua ao meu redor como se fossem asas. Devo ter caído torta sobre a água, porque um dos lados do meu corpo lateja. A água é preta: inteiramente preta, de um preto absoluto e primordial, sem uma única centelha de luz. Abro e fecho os olhos e não há diferença alguma, alteração alguma.

Continuo afundando, cada vez mais, cada vez mais devagar, e penso que logo vou chegar ao fundo, que meus pés entrarão em contato com a areia lodosa e então vou poder dar impulso para voltar, para regressar à superfície, aos meus amigos, à minha vida.

Não consigo sentir a areia. Bato com os pés, esticando os dedos como uma bailarina — mas nada. Continuo afundando, pelo menos é o que penso. Não pode ser assim tão fundo, pode?

Neste momento, lembro-me de algo. Minha coordenação, meu senso de orientação espacial não é como deveria ser. Uma doença de infância teve como consequência, disseram os neurologistas, danos permanentes às partes do meu cérebro que envolvem movimento e equilíbrio. As pessoas lá em cima no ancoradouro não sabem disso: como se mudaram para cá faz poucos anos, foram poupadas de me ver numa cadeira de rodas, aleijada, alguém com necessidades especiais. Tenho problemas em uma série de funções biológicas, como a capacidade de sentir onde as coisas estão ou deveriam estar e meu lugar entre elas. Perdi essa função inconsciente e preciso me fiar então em

indicações visuais: propriocepção é o nome dessa habilidade que não tenho. Então, não consigo estender o braço para pegar uma caneta enquanto falo com outra pessoa. Preciso parar, olhar, dirigir minha mão e só então consigo conectar a palma à caneta. Se as indicações visuais forem removidas, pelo motivo que seja, sinto-me desorientada, impotente, sinto-me — em poucas palavras — em alto-mar.

É também por esse motivo que, se por acaso eu cair dentro da água opaca e escura tarde da noite, não tenho como saber que direção é para cima, não tenho como me orientar na direção do ar.

Já me perguntei, desde então, o que acontecia lá em cima, no muro do ancoradouro. Quanto tempo levou até perceberem que eu não estava voltando à superfície. Se, depois dos gritos e dos vivas iniciais, começaram a bater papo de novo, se fizeram silêncio depois de não sei quantos segundos, se ficaram observando a superfície da água e esperando que eu reemergisse. Não falamos a respeito depois: era demasiado para nós, na época, o perigo grande demais, próximo demais.

Fiquei me debatendo lá embaixo, sob todos eles. Lutava para nadar numa direção, achando que devia ser a superfície, depois na outra. É nesse ponto que seus pulmões começam a queimar, seu pulso dispara, seu coração resvala a um tempo de *allegretto*, como se quisesse alertá-la para a situação, como se você ainda não tivesse percebido que está prestes a morrer. Você precisa urgentemente tossir mas sabe que não deve, que não pode. Meus pensamentos eram monossêmicos: está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem. E em seguida: não está tudo bem, não está tudo bem, não está tudo bem.

Não há nada de único ou especial numa experiência de quase morte. Não são raras; todo mundo, eu arriscaria dizer, já passou por elas, uma vez ou outra, talvez sem nem mesmo perceber. Uma van que passa raspando, perto demais da sua bicicleta, o médico cansado que percebe que uma dose deve ser verificada

*image  
not  
available*



fizera pular naquela água gélida, nas profundezas do mar, para me resgatar. Havia uma razão para que fosse ele e não um dos outros quem pulou atrás de mim. Eu sabia, tendo dezesseis anos de idade. Claro que sabia. Sabia pelo modo como caminhamos para casa depois, ele vários passos atrás de mim, ambos tremendo e molhados e descalços e discutindo. Sentia na raiva dele, no modo como me dizia o que poderia ter acontecido comigo, como a maré funcionava puxando a água por baixo da superfície, como eu poderia ter sido arrastada para o mar, que nunca mais deveria fazer algo tão idiota assim. Pude perceber no modo como ele me observava seguir pelo caminho do meu jardim, enquanto eu me esgueirava silenciosa para longe dele e desaparecia atrás da porta da frente.

O que eu deveria ter dito era: você tem razão, foi uma idiotice. Deveria ter dito: o problema é que tenho essa compulsão pela liberdade, por um estado de liberação. É uma necessidade tão forte e tão imensa que se sobrepõe a tudo mais. Não posso suportar minha vida tal como é. Não posso suportar o fato de estar aqui, nesta cidade, nesta casa, nesta escola. Tenho que ir embora. Tenho que trabalhar e trabalhar para poder ir embora e só então poderei criar uma vida que tenha condições de viver. Posso dar a impressão de ser distraída e excêntrica, falando com você num dia e depois me retraindo no seguinte, mas tenho que concentrar todas as forças em me libertar e nada pode se colocar em meu caminho; não posso tolerar que alguém ou algo me atrase, me distraia, me impeça. Também deveria ter dito: obrigada.

Obrigada, obrigada.

# Coluna, pernas, pélvis, abdômen, cabeça (1977)

**Quando criança,** eu era uma escapologista, uma fugitiva. Dava no pé, escapulia, zarpava, sempre que tinha a oportunidade. Detestava que me levassem pela mão, que me prendessem, coibissem, que esperassem que eu caminhasse de maneira ordenada. Costumava me contorcer para me libertar, para escapar. Só o que queria era estar em movimento, o ar veloz ao meu redor, correndo, a rua ou o jardim ou o parque ou o campo passando velozes; queria conhecer as coisas, queria ver o que estava depois da esquina seguinte, depois da curva. Ainda quero.

Minha mãe, se lhe perguntarem, fará um relato de nosso primeiro encontro, quando eu tinha aproximadamente uma hora de vida. No início dos anos 70, numa maternidade do norte da Irlanda, não lhe entregavam seu bebê logo após o nascimento. A conexão de pele com pele ainda estava por ser introduzida como conceito. O bebê era levado para longe, a fim de ser lavado, vestido, enfeitado, a fim de ficar apresentável. E a mãe? Não tenho certeza do que acontecia com a mãe. Era costurada, se necessário? Tinha permissão de tirar um cochilo ou tomar um banho? Serviam-lhe uma xícara de chá? (Minha aposta é na xícara de chá.)

Então, minha mãe há de contar como entrou no quarto, onde eu estava numa cama, acordada, apoiada entre dois travesseiros. Diz ela que se curvou sobre mim dizendo olá, e ajeitou o cobertor



bem apertado ao meu redor. Imediatamente me debati para me libertar. Minha mãe, desconcertada, voltou a me embrulhar, enfaixando-me mais firmemente com os cueiros. Estiquei o pescoço, agitei os braços, dando um jeito de me libertar outra vez.

Tinha cinco ou seis anos quando me perdi pela primeira vez, o que minha mãe sempre advertiu que poderia acontecer, conclusão lógica das minhas tentativas de me libertar, de correr para longe. Eu estava na Ilha de Achill, na costa de County Mayo, e tinha corrido, para longe demais, depressa demais, me virei e vi que estava sozinha. Assustadoramente, inexplicavelmente, excitantemente sozinha: uma criança numa trilha no meio de uma ilha remota.

Caminhei por ali, surpresa com essa súbita reviravolta, convencida de que minha família pegaria a barca de volta à terra firme sem mim, que ficaria abandonada para lutar pela sobrevivência naquele pedaço de terra fustigado pelo vento. O mundo subitamente parou; nada se exigia de mim; eu podia ficar ali, na quietude da minha própria pele.

O ruído das minhas sandálias esmagando o cascalho, o grito das gaivotas, o zunir do vento nos abrunheiros, nas margens da trilha. Onde eu dormiria? O que comeria? Quem diria que estava na hora de ir para a cama? Então umas senhoras de lenço na cabeça me encontraram e me deram biscoitos enquanto me levavam de volta para o cais, onde o barco — e minha família — estavam esperando.

Não muito depois disso, fugi de casa. Foi uma atitude na qual eu empenhara grande dose de reflexão: para onde iria (um bosque, visto da trapeira no sótão, numa colina distante), o que levaria comigo (livros, um sanduíche, o gato), como conseguiria dinheiro (roubaria, com remorso, mas por necessidade). Uma discussão sobre um jogo, uma refeição que eu não queria, uma discordância sobre roupas: esqueço qual foi o motivo, mas me lembro de correr para o armário no andar de baixo, tirar meu casaco do gancho de metal, enfiar as mãos em suas resistentes mangas de lã e fechar as pequeninas varetas marrons uma a uma,

de maneira decisiva. É isso, pensava comigo mesma, vou embora. Abri com um puxão a porta, com seu vidro granulado e aquático, através da qual vira pela primeira vez minha irmã mais nova, aproximando-se pelo caminho do jardim, nos braços da minha mãe — um ovoide branco flutuante encimado por um vermelho flamejante, que se revelava um bebê com cabelo ruivo à medida que chegavam mais perto de casa. Saí por aquela porta, deixando-a bater atrás de mim com um agradável baque, e fui embora, descendo o caminho, passando pelos azevinhos com seus grumos escarlates de frutas e suas folhas debruadas de creme, pelo vacilante portão branco e depois pela calçada, minhas pernas se movendo debaixo do meu corpo, meus sapatos afivelados — arranhados na ponta, sempre arranhados, não importava com que frequência minha mãe os engraxasse, lustrando o couro e seu padrão de furinhos com um trapo cortado de um paletó de veludo cotelê do meu pai — em passos ruidosos pelos jardins ornamentais dos vizinhos e seus trailers e seus cachorros sonolentos na calçada. Cheguei até a encruzilhada, perímetro do meu mundo solitário, que era até onde eu tinha permissão de ir sozinha. Às vezes nos demorávamos ali, esperando o meu pai chegar do trabalho, se tivéssemos alguma notícia importante para dar: a morte de um peixinho de estimação, a chegada de uma visita, a ocasião em que minha irmã pulou do sofá e bateu com o nariz na quina da estante de livros e teve que ir para o hospital levar pontos (ainda tem a cicatriz até hoje).

Eu hesitava ali, observando os carros passarem, num debate interno sobre se o evento que provocara minha saída de casa significava que eu agora não precisava mais obedecer a regras como nunca ultrapassar aquele cruzamento, quando minha mãe me alcançou. Ela viera correndo de casa, de avental, e seu rosto estava exaltado e, por um momento, quando a vi se debruçar sobre mim, pensei que estava zangada e que eu estava em sérios apuros. Mas ela me estreitou num abraço apertado e murmurou *não vá, não vá* no meu cabelo.

Vou me lembrar desse momento quando, quase duas décadas



depois, estiver me despedindo dela e partindo para Hong Kong. Estamos na plataforma da estação local e minha mochila está aos meus pés e o trem da rota secundária se aproxima pelo túnel e estou prestes a embarcar; e só voltarei muito, muito tempo depois. Ela não me diz que não vá, mas o aperto de seus dedos em meus ombros é o mesmo: forte, insistente, trespassado pela consciência de que sempre esteve claro que eu iria embora, de que ambas sabíamos, em algum nível, que essa necessidade sempre fez parte de mim.

Devo, agora vejo, tê-la levado à loucura quando criança: minha intratabilidade, minha impetuosidade, minhas recusas irracionais, meu anseio por independência, minhas constantes asserções de autonomia. *Você foi*, ela costuma dizer, com um suspiro, *um pesadelo para criar*. E acredito nela. Fotografias minhas mostram uma filha do meio acanhada e desajeitada, de nariz grande demais, dentes crescendo tortos, uma expressão no rosto turbulenta, mas desconfiada, uma versão malfeita de minha irmã mais velha, mais bonita e mais tranquila. Eu era teimosa, fazia birra, era dada a acessos de gritos, tinha ataques de nervos, altos e baixos de arrebatamento. *Ela continua difícil?*, perguntavam os parentes, com um ar cauteloso, e só tinham que passar meia hora em minha companhia para receber a resposta. *Não a provoquem*, meus pais diziam, como advertência, às minhas irmãs, e a mim: *você precisa aprender a se controlar*.

Eu tentava. Me lembro de tentar. Me lembro de pensar que não devia ficar irritada, que não devia perder a calma, que devia, acima de tudo, manter o controle. Olhava para mim mesma no espelho e arrumava os traços do meu rosto num sorriso calmo e dizia a palavra *dócil* ali mesmo. Devia tê-la lido num livro. Era o que eu queria ser, o que eu sabia que devia ser. Assim eram as crianças boazinhas: *dóceis*. Mas então eu era requisitada a usar certo macacão que tinha uma ofensiva cor mostarda, e cuja gola arranhava e incomodava minha pele de modo insuportável, e havia batatas cozidas de novo para o jantar, e como eu abominava sua beirada farinhenta e seu interior sólido e amiláceo. Um copo

*image  
not  
available*



de pneus sobre o asfalto, um grito alto que era provavelmente um palavrão.

O carro era azul, com para-choques prateados e marcas de ferrugem. Essas cores se imprimiram em minha retina: o azul, o prateado, o marrom avermelhado. O carro desviou e eu desviei e senti o cromo granuloso do para-choque roçar na parte de trás da minha coxa.

Me lembro de que não parei, de que continuei movendo os pés, avançando em meio ao ar salgado, como se nada pudesse me tocar, nada ruim pudesse acontecer se eu apenas tivesse como continuar seguindo em frente, continuar correndo, continuar em movimento.

# O corpo todo (1993)

**O avião está na penumbra**, motores emitindo um zumbido constante. Todos ao meu redor dormem: uma mulher do outro lado do corredor tem duas crianças estendidas sobre o colo, um casal atrás de mim encontra apoio um no outro, bocas abertas. Sobrevoamos algum lugar no Oceano Pacífico, naquele vago meio do caminho num voo longo em que sua noção de tempo, de espaço pessoal e de fome se dissolveram e as horas se fundem e desmoronam.

O avião está cheio de freiras e padres, hábitos cinzentos, rostos beatíficos, calçados discretos. O voo, após parar em Hong Kong, seguirá para Manila e, ao que me parece, toda a comunidade religiosa das Filipinas regressa de Londres.

Um padre idoso está sentado ao meu lado, com seu hábito branco e dourado. Seus óculos escorregam pelo nariz enquanto ele dorme. De vez em quando, com exaustiva frequência, ele me acorda tocando meu braço e indicando que precisa que eu saia do meu assento para que ele possa ir ao banheiro. As contas do seu terço oscilam no gancho para casacos acima de nós.

Fico sentada ao longo desta noite, com muito calor e depois com muito frio, perguntando-me o que eu fiz, o que estou fazendo aqui, lendo um exemplar muito gasto de uma novela tcheca, colocado em minhas mãos por um amigo ao nos despedirmos, junto com um pacotinho que continha uma bússola porque, como ele escreveu no cartão que a acompanhava, era importante *encontrar meu caminho de volta*.

Estou na vida errada, ou pelo menos é o que penso. Me desviei do meu curso, estou girando no espaço, em mais de uma maneira. Deixei para trás a vida que deveria estar vivendo e em vez disso



aqui estou, num avião rumo a Hong Kong, uma cidade onde não tenho emprego, perspectiva, onde só conheço uma pessoa.

Cruzar fusos horários dessa maneira pode lhe trazer uma clareza inquietante e distorcida. Será a altitude, a falta incomum de atividade, o confinamento físico, a falta de sono ou uma combinação dos quatro? Seja como for, eu me dei conta, repetidas vezes, que há algo nas viagens em grande velocidade a milhares de metros acima do chão, na cabine de um avião, capaz de induzir um estado alterado da mente. Coisas que talvez estivessem intrigando você podem ganhar foco, como se a lente de uma câmera tivesse sido girada. É possível que você encontre, deslizando para dentro de sua mente, respostas a perguntas que por muito tempo estiveram esquivas. Enquanto fita a paisagem ilusória dos picos das nuvens, surpreende-se pensando: ah, claro, não tinha me dado conta disso antes.

Eu seguro a bússola numa das mãos, o mapa de Hong Kong na outra — um emaranhado desconcertante e incompreensível de ruas, picos, túneis, ilhas e portos, tudo marcado em caracteres chineses. Parece-me que o fato de ter abandonado a companhia do meu amigo — ontem, hoje, anteontem? — liberou algo dentro de mim, quase como se ele tivesse ficado com a ponta de algum fio vital e minha partida significasse que desde então esse fio vem se desenrolando, esticando-se entre nós dois. Até onde ele terá condições de se esticar, será que vai se romper, será que eu teria condições de voltar a enrolá-lo?

A pergunta me ocorre devagar, começando a tomar conta de mim, ocupando-me toda e se enroscando ao meu redor, como uma neblina, enquanto o avião continua voando inexoravelmente: por que estou deixando esse amigo para trás? Por que estou me afastando dele? Na universidade, sentávamos um diante do outro, na maioria dos dias, na biblioteca, e estudávamos juntos para nossas provas finais. Chutávamos um ao outro, por baixo da mesa, delicadamente, insistentemente, se divagássemos. Ele imitava sem palavras a maneira como eu sacudia a mão para me livrar da cãibra nos músculos. Se

certificava de que eu não me esquecesse de almoçar. Quando eu lhe disse que queria escrever, ele não riu, mas inclinou a cabeça de um modo sério e pensativo, como se deixasse a ideia encontrar um lugar em sua mente.

De algum modo, porém, estou neste avião, e vou na direção de um homem diferente. Em poucas palavras, não tenho ideia do que estou fazendo. Eu deveria — pelo menos é o que me parece, sentada aqui — estar me mudando para um apartamento em Cambridge, deveria estar passando óleo na corrente da minha bicicleta, deveria estar subindo e descendo os degraus da biblioteca da universidade, carregando livros e periódicos. Deveria estar começando meu doutorado.

Em vez disso, aqui estou, a caminho de Hong Kong, porque há quatro meses fui procurar as minhas notas, dispostas no quadro, e em vez do resultado que eu esperava, o resultado de que eu necessitava para obter fundos para a pós-graduação, o resultado que eu queria e pelo qual trabalhara, não obtive nada que chegasse perto. Nem remotamente. Algo, me dei conta, enquanto virava as costas ao quadro, enquanto descia os degraus aos tropeços, enquanto subia de volta na minha bicicleta, ignorando os chamados dos meus amigos, tinha saído errado, terrivelmente errado.

Então, aqui estou. Não vou me tornar uma acadêmica; não vou ficar em Cambridge; não verei meu amigo por muito tempo. Não farei um doutorado sobre os papéis falsamente marginais das mulheres na poesia medieval.

Minha tese, que partiria da hipótese de que o poeta anônimo de *Sir Gawain and the Green Knight* era uma mulher, permanecerá sem ser escrita. Já faz meses, desde que os meus planos desabaram, que tenho vislumbres do poema, como que no canto do olho, e preciso me desviar dele, porque sua perda em minha vida é grande demais. A refeição comemorativa, interrompida pelo gigante apreensivamente cortês. A poeta que se demora, admirando a descrição de seu físico (“Pois as costas e o peito eram robustos / Mas seu ventre e sua cintura eram



*image  
not  
available*

para começo de conversa, da gagueira, então, como poderia ter me colocado diante de uma turma? Como posso ter chegado a pensar que poderia dar uma palestra? Teria ficado fora de mim de tédio e raiva e frustração em um mês ou dois, e provavelmente deixado Cambridge e feito alguma outra coisa. Talvez eu tivesse acabado em Hong Kong, de todo modo.

Claro, não sei disso enquanto me encontro sentada no avião. Ainda estou submersa em pânico e tristeza, ainda de luto pela perda do que sentia ser central à minha identidade. Minhas notas, minha capacidade de tirá-las da cartola, eram a única coisa que eu tinha, a única coisa em que era boa. Eu não era dócil nem nunca seria, tinha um cabelo estranho e indisciplinado, tinha um bloqueio verbal, tinha problemas neurológicos misteriosos mas, desde o início da adolescência, esse era o tipo de alquimia que conseguia operar: davam-lhe a obra, você revisava a obra (muito, muito atentamente, com cronogramas e testes e relógios e estudos cedo pela manhã e tarde da noite, com anotações e marcadores de texto), depois reproduzia isso no dia da prova. E então — abracadabra! — recebia um pedaço de papel brilhante dizendo que tinha passado, que tinha ganhado duzentas libras, que tinha tirado uma carta para sair da prisão.

Funcionara durante anos essa fórmula. Tinha me feito conseguir passar por duas escolas (uma delas assustadora e desconcertante, a outra menos) e seguir para Cambridge, e ali passar meu primeiro e segundo anos, e então, subitamente, no terceiro e último e mais importante, o feitiço parou de funcionar. Gastou.

O que eu queria ter sabido, aos vinte e um anos de idade, enquanto me afastava em minha bicicleta do quadro com os resultados, na direção da campina junto ao rio em Cambridge, onde eu atiraria pedras dentro d'água e choraria: que ninguém jamais lhe pergunta qual o seu diploma. Isso passa a não ter mais importância no momento em que você deixa a universidade. As coisas que não saem conforme o planejado em sua vida são em geral mais importantes, mais formativas, a longo prazo, do que as